



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO POR OCASIÃO DO DIA INTERNACIONAL DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS

Na celebração do *Dia mundial das pessoas deficientes*, renovemos o nosso olhar de fé, que vê em cada irmão e irmã a presença do próprio Cristo, o qual considera que cada gesto de amor praticado a favor de um dos seus irmãos mais pequeninos é feito por Ele (cf. *Mt 25, 40*). Nesta ocasião, gostaria de recordar que hoje em dia a promoção dos direitos à participação desempenha um papel central para combater as discriminações e promover a cultura do encontro e da qualidade de vida.

Foram alcançados grandes progressos em relação às pessoas deficientes nos âmbitos médico e assistencial, mas ainda hoje se constata a presença da cultura do descarte, e muitas delas sentem que vivem sem pertença nem participação. Tudo isto exige não só a salvaguarda dos direitos das pessoas deficientes e das suas famílias, mas também nos exorta a tornar o mundo mais humano, eliminando tudo o que as impede de beneficiar da plena cidadania, os obstáculos do preconceito, e favorecendo a acessibilidade dos lugares e a qualidade de vida, tendo em consideração todas as dimensões do ser humano.

É necessário cuidar e acompanhar as pessoas deficientes em todas as condições de vida, utilizando inclusive as tecnologias modernas, mas sem as absolutizar; enfrentar as situações de marginalidade com força e ternura; acompanhá-las e “ungi-las” de dignidade para uma participação ativa na comunidade civil e eclesial. Trata-se de um caminho exigente e também cansativo, que contribuirá cada vez mais para a formação de consciências capazes de reconhecer cada um como pessoa única e irrepetível.

E não esqueçamos os numerosos “exilados escondidos” que vivem nas nossas casas, nas nossas famílias e nas nossas sociedades (cf. [*Angelus*](#), 29 de dezembro de 2013; [*Discurso ao Corpo Diplomático*](#), 12 de janeiro de 2015). Penso nas pessoas de todas as idades, especialmente os idosos que, também por causa da sua deficiência, são por vezes sentidas como um peso, como “presenças incômodas”, e correm o risco de serem descartadas, de serem

privadas de perspectivas concretas de trabalho, para participarem na construção do seu futuro.

Somos chamados a reconhecer em cada pessoa deficiente, até com deficiências complexas e graves, uma contribuição singular para o bem comum através da sua biografia original.

Reconhecer a dignidade de cada um, conscientes de que ela não depende da funcionalidade dos cinco sentidos (cf. *Diálogo com os participantes no congresso da Conferência episcopal italiana (CEI), sobre a deficiência*, 11 de junho de 2016). O Evangelho ensina-nos esta conversão. É preciso desenvolver anticorpos contra uma cultura que considera algumas vidas de série a e outras de série b: isto é um pecado social! Ter a coragem de dar voz àqueles que são discriminados por causa da sua condição de deficiência, porque infelizmente em certas nações ainda hoje é difícil reconhecê-las como pessoas de igual dignidade, como irmãos e irmãs em humanidade.

Com efeito, fazer boas leis e derrubar as barreiras físicas é importante, mas não suficiente, se não mudarmos a mentalidade, se não ultrapassarmos uma cultura generalizada que continua a produzir desigualdades, impedindo que as pessoas deficientes participem ativamente na vida do dia a dia.

Nos últimos anos foram implementados e realizados processos inclusivos, mas isto ainda não é suficiente, pois os preconceitos produzem, além de barreiras físicas, também limites ao acesso à educação para todos, ao emprego e à participação. Uma pessoa deficiente, para se construir, precisa não só de existir, mas também de pertencer a uma comunidade.

Encorajo todos aqueles que trabalham com pessoas deficientes, a dar continuidade a este importante serviço e compromisso, que determina o grau de civilização de uma nação. E rezo para que cada pessoa possa sentir o olhar paternal de Deus, que afirma a sua plena dignidade e o valor incondicional da sua vida.

Vaticano, 3 de dezembro de 2019

Francisco